

D. PEDRO II E MNOVA ORLEANS (*)

ALMIR DE CAMPOS BRUNETI.
Tulane University (U.S.A.)

À medida em que os anos passam, e provavelmente ainda com o efeito do nacionalismo inaugurado pelo Movimento Modernista, a figura de D. Pedro II adquire nuances ambíguas, cujas implicações talvez valesse a pena examinar mais detidamente. Produto do positivismo e impregnado pela cultura da França, que para ele era *sa seconde patrie* (1), é viável que a sede de conhecimento e a curiosidade evidenciadas pelo imperador em todos os lugares por onde passou possam ser interpretadas com o erudição superficial e cabotinismo. Os críticos literários nunca lhe perdoaram os seus versos nem se esqueceram das suas pretensões estéticas *vis-à-vis* de José de Alencar, fato que provavelmente tenderia a validar a sua palavra de Afonso Celso quando descreve o conceito que o súdito brasileiro tinha do imperador:

"Inteligência pouco acima do medíocre, ilustração mais extensa que profunda, bonomia filial do ceticismo, magnanimidade oriunda do pouco caso com quem considerava os outros homens, tendências absorventes por índole e hábito, *gênio de bagatelas* como alguém lhe chamou, coração árido, incapaz de devotamentos..." (2)

(*) — Comunicação apresentada na XXVI Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) realizada em Belo Horizonte em julho de 1975. (*Nota da Redação*).

(1) — *Le Lousianais*, 20/5/1876, p. 1.

(2) — Afonso Celso, *O Imperador no Exílio*, nova edição aumentada (Rio de Janeiro. Livraria Francisco Alves, s.d.), p. 4. O livro, entretanto, tem o objetivo de demonstrar que tais impressões eram errôneas. Ver também Raimundo Magalhães Jr., "Anfrísio Fialho e seu republicanismo," in *O Império em Chinelo* (Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1957) pp. 233-237.

Contudo, é incontestável que D. Pedro II, na sua viagem ao estrangeiro, e apesar da ogeriza que senti a por quaisquer cerimônias oficiais, tivess e atraído a atençã o geral e capitalizado para o Brasil o interesse dos paíse s visitados . Durant e a visita aos Estado s Unidos , realizada como preâmbulo de sua segunda viagem à Europa, o imperador causou sensaçã o no país inteiro . Seu s passo s era m acompanhados pelos leitores dos jornai s que se deliciavam com a informalidade, o espírito de humor , e a s observaçõe s franca s do único soberano a visitar o país até aquela data, à exceçã o do rei Kalakau, do Havaií.

O conhecimento do inglês que possui a o imperador , at é mesmo das expressões idiomáticas mais típicas, aliado a um certo espírito galhofeiro, divertia e maravilhava os americanos . O *New Orleans Republican*, jornal que mais escreveu sobre D. Pedro em Nova Orleans, publica a seguinte nota no dia 20 de maio de 1876 , quatro dias antes da chegada do imperador à cidade . O texto é dado em inglês para não se perder o esforço do cronista em transmitir a o público um a idéia do sotaque do imperador :

"Dom Pedro and the Philadelphia Militia — The y used militia to keep order at the grand opening , and a s Dom Pedro witnessed their extraordinary maneuvers , he asked in astonishment : "Vat eez doze? "

"Those are the Philadelphia soldiers, your majesty, " eagerly answered ex-secretary Borie , his face lighted with pride at the fancied compliment to the citizen soldiery .

"Feealdehy soldate , eh? " slowly repeated the monarch , as he gazed at the mysteriously - eye-glasses , "and ver eez le General Bourn?"

A viagem a Nova Orleans foi realizada depois da abertura oficial da Exposição do Centenário na Filadélfia . Por esta altura, o imperador, que chegar a Nova Iorque no dia 15 de abril, e que surpreendia a todos pelo seu dinamismo e suas ubiquidade , já havia atravessado o país até São Francisco e voltado à costa atlântica, chegando à Filadélfia no dia 9 de maio, véspera das solenidades de abertura da exposição inaugurada no dia 10 conjuntamente por ele e pelo presidente Grant . A viagem inicia-se no dia 14 de maio, quando o imperador parte com destino a St . Louis , onde tomará um barco para descer o Mississipi . Efetivamente , no dia 18 começa a descida do "país dos rios " a bordo do vapor *Grand Republic*, que chega a Nova Orleans no dia 24 pela tarde .

Durante os dias que precederam a chegada do imperador a Nova Orleans, os jornais locais publicavam diariamente notícias sobre o progresso da viagem . Entre essas notícias , as mais interessantes são

as que dizem respeito à situação econômica do Brasil na época, e que dão ênfase à sua imensa possibilidade de comércio lucrativo ainda totalmente inexplorado pela cidade que é hoje um dos portos mais importantes na ligação comercial dos Estados Unidos com os portos brasileiros. O *New Orleans Bulletin*, por exemplo, publica no dia 20 de maio um artigo sob o título "Comércio com o Brasil," em que meticolosamente se analisa o movimento do comércio estadunidense com o Brasil, com resultados extremamente favoráveis ao nosso país. No ano fiscal que termina a 30 de junho de 1875, os Estados Unidos haviam exportado para o Brasil menos de 1/5 do volume da sua importação. O articulista termina a sua análise e dizendo que para sanar a discrepância, a solução seria estabelecer comunicação direta de Nova Orleans com o Rio de Janeiro. Essa medida viria a diminuir a enorme diferença na balança de comércio especialmente porque traria grandes economias no preço do altíssimo frete que então se pagava para remeter mercadorias ao Brasil via Europa.

Neste mesmo teor, e indiretamente capitalizando sobre as vantagens do comércio direto, o *New Orleans Republic* do dia 28 de maio traz um artigo intitulado "A riqueza do Brasil," em que, depois de citar a opinião de Agassiz sobre a fertilidade e grandeza do território brasileiro, o articulista exalta as vantagens econômicas de vários produtos, entre os quais cita a castanha, o babaçu, e vários tipos de madeiras. Segundo a descrição, o país era o próprio paraíso. Ex - pressões com o

"most productive and interesting country in the globe, " ou
"the one in which it is the easiest to obtain livelihood "

são típicas. O país produzia todas as frutas tropicais quase sem cultivo; o solo em alguns pontos produziria vint e colheitas sucessivas de cana de açúcar, algodão, ou fumo, sem necessidade de adubação; as florestas eram virtualmente compostas apenas de madeiras preciosas.

Entretanto, a sugestão mais interessante aparece à página 2 do *New Orleans Republican* do dia 25 de maio, ainda durante a estada do imperador na cidade, notícia que deve ter sido lida por ele. Os vários jornais da cidade haviam, com efeito, sublinhado a extrema informalidade de D. Pedro. Na página um do mesmo número do *New Orleans Republican* havia aparecido um longo artigo noticiando a chegada da comitiva imperial no dia anterior e descrevendo a atividade do imperador nos salões do Hotel St. Charles, onde ele é descrito como

"always pleasant, and having the air of a simple and portly gentleman of the old school. "

Do mesmo modo, o *New Orleans Bulletin* também do dia 25 anuncia em grande manchete na página um que

"Dom Pedro chega — Nenhuma formalidade ou exibição — Ele viaja como o comum dos mortais."

Por isso mesmo, o citado artigo da página dois do *New Orleans Republican* do dia 25, não deve ter passado despercebido ao leitor. O artigo intitula-se *Mr D. Pedro, of Rio*, e inicia-se com a explicação de que o autor se dirige assim ao ilustre visitante para respeitar a sua vontade de ser considerado com o cidadão particular (*his styly incognito*), com o algem batizar a atitude do soberano na edição do dia 10). Em seguida, acentua mais uma vez as vantagens do estabelecimento de um linha regular direta entre o Rio de Janeiro e Nova Orleans, para então, mais curioso ainda, aconselhar indiretamente o imperador a emancipar os escravos brasileiros, dando como prova insofismável da praticabilidade de tal medida o fato de que

"the products of emancipated labor are productive of a larger value in market than under the former system of bondage."

Segundo o artigo, se o Brasil seguisse o exemplo dos Estados Unidos, os negros poderiam ter, como lá, seu próprio sistema de igrejas cristãs, jornais, representantes nas profissões liberais, e copiaria incessantemente as instituições de progresso moral e intelectual que distinguem os Estados Unidos. Além do mais, poderiam os libertos prestar valiosos serviços militares e mesmo ser empregados com vantagem na defesa do país e em qualquer emergência. D. Pedro não parece ter se deixado convencer por que numa carta à Condessa do Barrai, observa:

"... o Sul da União não é como o Norte apesar da riqueza agrícola dessa região. Veremos o que será em poucos anos se a escravidão. Os pretos trabalham na fazenda segundo me informaram fazendeiros." (3).

Com relação ao aspecto turístico da rápida estada do imperador em Nova Orleans, acontece o mesmo que em outros lugares. Ele é constantemente seguido pela curiosidade dos *Neworleansians* e os conquistam todos pela sua maneira afáveis e modestas. Os jornais de língua francesa, principalmente, saudaram-no com eloquência

(3). — Alcindo Sodrê, *Abrindo um Cofre — Cartas de Dom Pedro II à Condessa do Barrai* (Rio de Janeiro. Livros de Portugal, 1956), p. 172.

e dedicaram-lhe e longo s artigo s ond e elogiava m barrocamen te e a su a erudição e sapiência . O *Louisianais* d e 20 d e mai o tra z e m letra s garrafais u m artig o intitulado o *Vive l'Empereur*, ond e D . Pedr o é comparado com (e pronunciado superior a) o Czar da Rússia, o imperador da Alemanha, e o imperador da Áustria. O exaltado cronista chega a dizer que D . Pedr o é superior até mesmo a o General Grant "em tática militar e em literatura." Entre outras coisas, nota que as mulheres brasileiras amam o seu imperador, mas que ele

"n'a point, paraît-il, abusé de leu r faiblesse."

Observa tambem que, mais do que um imperador, D. Pedr o parece ser um fazendeiro, o u melhor, u m burguês que vive de rendas.

O número de 26 de maio do *Abeille de la Nouvelle Orleans* sorri d o desapontamento causado entre os que foram ver a chegada do imperador esperando um rei de tragédia com coroa resplandecente na cabeça, cetro na mão, e manto de púrpura nas costas. O patriarca de barbas brancas, modestamente trajado de negro, não correspondi a à expectativa da fantasia pública. Mas foi por essa simplicidade austera que o povo o se rende u a o seu hóspede.

O *Times Picayune*, reportando sobre a visita que D. Pedr o fez ao prédio da Alfândega, relata:

"Às duas horas Dom Pedr o chego u à **Alfândega**. Depois de te r visitado o Departamento dos Correios, ele subi u a longa e tediosa escada com o passo firme de um soldado, e inspeciono u o magnífico salão... Durant e a presença do Imperador na Alfândega, as opiniões dos mais loquazes entre os espectadores ilustram claramente a impressão que o Dom causou nas massas. Ele trajava o seu costumeiro terno preto e chapéu de feltro. A multidão de curioso s seguiu-o sempre. Um observador entusiasta comentou: "Ora, est e é o tipo de rei que eu gosto de ver. Ele vem a um país republicano e veste-se com o um republicano. Quando for à Europa colocar á a sua coroa." Outra voz: "Que m poderia pensar que est e é u m imperador? Ele mais parece u m capitão de navio." Outros disseram: "Que home m magnífico — ele tem o estilo de u m imperador. Quão esplêndido dev e parecer quando vestido com o s signos da sua realeza." Ao partir o monarca tirou o chapéu com u m gesto cortês, e est e ato entusiasmou tanto os espectadores que eles estava m disposto s a gritar em unísono *Vive l'Empereur!*"

D. Pedro deixa Nova Orleans com destino a Washington no dia 28 de maio, tendo desenvolvido nesses poucos dias uma atividade realmente surpreendente que incluiu visitas a fábricas, igrejas, escolas, plantações, fazendas, obras contra enchentes, e conferências com médicos, comerciantes, empresários, e outras pessoas gradas, despedindo-se do público oficialmente com uma doação feita ao Club Dramático da Louisiana. Após breve estadia em Washington, a comitiva segue para o Canadá e termina a viagem em Nova Iorque de onde parte para a Europa no dia 12 de julho de 1876.